

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Margarita Barretto¹

RESUMO: O Turismo pode ser uma excelente "ferramenta" pedagógica a serviço do ensino de História e Geografia. Nesse sentido, relatam-se o desenvolvimento e a aplicação experimental de um projeto com essa proposta, demonstrando a viabilidade da realização de "city tours" especializados em História do Município de Campinas. O projeto baseia-se, de um lado, nas teorias de educação da escola ativa e, de outro, no estudo das raízes históricas do Turismo, o qual foi, antes de uma proposta de lazer, uma proposta educativa.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; educação; história. Turismo cultural; turismo educativo; turismo histórico.

ABSTRACT: It is possible to link Tourism and Education, mainly in History and Geography issues. This report brings a successful experience in applying a scientific city tour to teach the History of Campinas. The basis of this work are, by one side in the "learn-by-doing" theories of education and, by the other, in the belief that Tourism began as an educational proposal, becoming a leisure matter only in this century.

KEY WORDS: Tourism; education; history. Cultural tourism; educational tourism; historical tourism.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo enfoca um projeto pedagógico oriundo de uma proposta de turismo cultural, cuja aplicação experimental permitiu verificar a viabilidade de se ensinar História através de um dos aspectos do receptivo, o "city tour".

Nesse sentido, apresenta-se, inicialmente, a relação Turismo/Educação, destacando a evolução do conceito de turismo e a função educativa presente nas viagens turísticas, desde o século XVI. Faz-se, depois, um

resumo de importantes teorias pedagógicas, destacando o ensino da História através dos chamados "site museums" (museus no local).

A partir dessas colocações, discute-se o projeto *Vivendo a História de Campinas*, cuja relevância decorre da importância com que hoje se revestem as questões da memória cultural. Na medida em que a História é melhor apreendida pela possibilidade de vivência dada pelo Turismo, são maiores as chances de criar um verdadeiro sentimento de cidadania nos alunos participantes.

2 TURISMO E EDUCAÇÃO

2.1 Conceituação

Procurar as raízes da palavra turismo leva nada menos que à Bíblia, de acordo com o autor Arthur Haulot que, em 1961, escreve sobre a possibilidade da origem hebraica da palavra "tour". "Tur" em hebraico antigo aparece no livro dos Números, cap. XII, vers. 17, em que Moisés envia um grupo de representantes a Canaã para visitá-los. Nesse contexto a palavra "tur" quer dizer "viagem de descoberta" (FERNANDEZ FUSTER, 1974:22).

Modernamente, em 1746, surge a frase "to take a turn", na Inglaterra que, influenciada pelo francês, em 1760, transforma-se em "to make a tour" (FERNANDEZ FUSTER, 1974:20). A partir daí, diversos estudiosos de turismo registram várias definições, que enfatizam aspectos diferentes conforme as épocas.

Hoje há um consenso de que a abrangência social do turismo é irreduzível a uma só categoria. A sua peculiaridade reside, justamente, em abranger aspectos econômicos, psicológicos, sociológicos e técnicos; é um fenômeno polifacético que só pode ser estudado com um processo de interação social. Dois elementos, no entanto, estão presentes na maioria das suas definições: a intencionalidade e a finalidade recreativa. A definição de Torroisi abrange o aspecto intelectual:

Turismo é o conjunto de traslados temporais de pessoas por necessidade de repouso, cura ou intelectuais. (FERNANDEZ FUSTER, 1974:27)

Por outro lado, o turismo

deve reconhecer situações particulares que podem concorrer para objetivos particulares e determinar se podem ser ou não vistas como turismo. (BUKART & MEDLIK, 1974:40)

¹ Bacharel em Turismo e Pós-graduanda da Faculdade de Educação da UNICAMP - Universidade de Campinas. Professora da Faculdade Ibero-Americana e Coordenadora da "Coleção Turismo" da Editora Papirus.
End. para corresp.: R. José Aparecido Pavan, 650 - Parque das Universidades - 13086-080 - Campinas - SP - Brasil.

Assim, neste artigo entende-se *turismo* como movimento de pessoas para fora do seu local de residência, e *fenômeno turístico* como todas as causas e conseqüências desse deslocamento, formando um sistema de relações sociais e econômicas. Propõe-se que seja classificado como *serviço turístico* um passeio que se utiliza de um equipamento (o transporte) e de um serviço pessoal (o guia), desde que haja deslocamento voluntário com finalidade recreativa. Recupera-se, assim, o conceito de "turn" ou "tour" (volta, fazer uma volta retornando ao ponto de partida), independentemente da duração e da distância percorridas. Nesse sentido o projeto Vivendo a História de Campinas é um serviço turístico especializado, similar aos "city tours".

2.2 Caráter Educativo do Turismo

O Turismo e a Educação têm estado vinculados por longo tempo. A história do turismo moderno começa no século XVI e sua motivação principal não está associada ao puro lazer, conforme sugerem não só os escritos da época, mas uma análise da sociedade daquele tempo. A partir do final do século XVI detecta-se um aumento nas viagens particulares, inicialmente com finalidade educativa. Segundo BURKART & MEDLIK (1974:3-4), quem viajava era a elite que "não teria entendido a distinção entre trabalho e lazer (já que não se via a si mesma trabalhando)".

A literatura inglesa da época reafirma o caráter educativo do turismo. Sir Francis Bacon, em 1612, dizia que "a viagem, nos jovens, é parte da educação; nos velhos, parte da experiência" (LAVAUUR, 1944:10).

A classe abastada da Europa destinava a maior parte do seu tempo ao ócio, sem que isto implicasse indolência, mas simplesmente tempo gasto em atividade não-produtiva:

desde os tempos dos filósofos gregos até hoje, reconheceram os homens ponderados, como requisito de uma vida digna, bela ou mesmo virtuosa, que é preciso ter certo ócio e estar livre de contato com certos processos industriais quotidianas da vida. (VEBLEN, 1965:49)

Assim, os senhores dedicavam-se ao ócio conspícuo, cuja prova "toma a força de bens imateriais, talentos quase-eruditos ou quase artísticos e conhecimentos que diretamente não trazem vantagem à vida humana" (VEBLEN, 1965:55). A fim de acompanhar os seus amos e bem servi-los, vivia a classe dos criados domésticos em ócio vicário, isentos de trabalho produtivo. As viagens enquadravam-se nesse rol de conhecimen-

tos da classe ociosa².

Portanto tem-se, num primeiro momento, uma classe que vivia no ócio e viajava pelo prazer de ter mais conhecimentos, mais educação. Somente com o crescimento dos aglomerados urbanos, no século XIX, é que aparecerá "something like the concept of leisure", com o desejo de evasão da nova classe burguesa.

A civilização urbana criou um novo gênero de deslocamento, para o prazer e a saúde. Quem quer que goze de lazes e de uma fortuna suficiente, viaja para longe. (SCHNERB, 1969:22)

Uma atividade que começara, no século XVI, com os nobres ingleses viajando para o continente, transformou-se, no século XX, quanto à motivação principal e aos protagonistas, acompanhando a

transformação econômica e social ocorrida como conseqüência da Revolução Industrial e o surgimento de uma classe média... com novos gostos e necessidades, especialmente no que se refere a férias. (ACERENZA, 1984:470)

Mas se bem que a intencionalidade do turista mudou, o turismo "per si" continua a ser uma atividade educativa: conhecem-se lugares, hábitos alimentares, diferentes idiomas, espécies animais e vegetais. O aproveitamento dependerá do interesse do viajante e será possível na medida em que houver uma relação adequada tempo/volume. Quanto mais lugares e pessoas visitar num período de tempo, menos poderá se aprofundar e o papel educativo diminuirá.

2.3 Evolução das Práticas Pedagógicas em direção ao Lazer

Educar ou ensinar trazem implícita a idéia de guiar, de transmitir os conhecimentos acumulados de uma determinada cultura. O mestre ensina e o educando apreende o mundo que o circunda e a história que contextualizou os seus antepassados, através de um processo de reelaboração. O processo de aprendizado realiza-se mormente na escola, mas isso nem sempre foi assim. Nas sociedades ágrafas ainda existentes, a educação dos novos membros acontece pela transmissão oral dos usos, técnicas e costumes do grupo. Na antiguidade o ensino começa a ser ministrado em instituições quase familiares:

² Uma comédia alemã satiriza, inclusive, essa relação: "Viajamos de pai para filho, sem que nenhum fazer nos impeça" (LAVAUUR, 1974:20).

na riquíssima iconografia egípcia não encontramos nenhuma imagem que apresente diretamente a escola nem temos restos de prédios escolares, porém a tradição do todo oriente até hoje.... empre nos apresenta o mestre sentado na escada, no interior de um prédio ou à sombra de uma figueira, com os alunos sentados em sua volta. (MANACORDA, 1989:19)

Na Grécia, no início do século V a. C. existia a *Grámmata* (escola de letras), progenitora direta da atual. No século 1228 d.C. é apresentado um programa muito similar ao aplicado atualmente e, no século XVI, a *Ratio Studiorum* regulamenta o sistema escolástico jesuítico com a organização em classes, horários, programas e disciplinas da forma que hoje é aplicado pela escola tradicional.

Paralelamente, desde a mais remota antiguidade pode-se resgatar pensadores que tentaram mudar os métodos, para começar aqueles que sentavam debaixo da figueira. O próprio Aristóteles ensinava passeando pelos parques. Platão refere-se à aplicação de jogos para aprender cálculo. Campanella propõe, em 1606, uma escola onde "os cidadãos ensinam os costumes e as histórias pintadas nas paredes da cidade, de modo que as crianças aprendam-nas sem enfado, brincando" (MANACORDA, 1989:217). Rousseau, no século XVIII, propõe a redescoberta da educação dos sentidos e a experiência direta das coisas, a educação da consciência. No século XIX, J. Henri Pestalozzi diz que "se deve ensinar mais com a ajuda do objeto do que palavras" (MANACORDA, 1989:264).

A partir de 1875 a psicologia torna-se uma aliada imprescindível do ensino. Surge no início do século a Escola Nova, entre outros com Olive Décroly. Com ele, Maria Montessori desenvolve sua teoria dos centros de interesse. John Dewey, nos Estados Unidos, aplica sua teoria do "learn by doing". Todo este movimento levará a uma revolução no ensino, seguida na América Latina por Emília Ferrero e Paulo Freire. Nas últimas décadas cada vez mais são utilizados equipamentos e meios de ensino informal e educação contínua (fora da escola), tais como televisão, vídeo, centros comunitários, casas de cultura, museus, estudos de meio etc. (MARCELINO, 1987)

2.4 "Site Museums"³ e Turismo

Neste texto interessam, em especial, a pedagogia através dos museus e a educação pelo lazer através do turismo. Fundamentada princi-

3 Um "site museum", segundo definição da ICOM - "International Council of Museum" (órgão da UNESCO, sediado em Paris), é um museu concebido e instalado para proteger a propriedade original, ou seja, preservado no local onde essa propriedade foi criada ou descoberta. Nesse texto traduz-se como *museu no local* ao invés de *museu de sítio* porque este segundo termo limita o conceito a sítio arqueológico.

palmente na teoria do "learn by doing" a partir da década de 1970, a educação nos museus consolida-se na Europa. Os museus de ciência permitem a experimentação, os museus de arte as experiências sensoriais abrangentes⁴.

O ensino da História através de museus tem possibilidades de combinação com outras esferas de atividade. No Museu Histórico Municipal de Munique, os estudantes podem usar roupas de época e fazer teatro inspirados na exposição. Outra modalidade adotada nos países do primeiro mundo é o ensino da História através dos chamados "site museums" ou seja, museus no local. A idéia não é mais trasladar os objetos para um prédio no centro da cidade, mas sim levar o usuário a ver sítios arqueológicos, granjas, castelos etc, ao vivo, na sua total dimensão com pessoas vestidas a caráter ou figuras de tamanho natural, recriando cenas do cotidiano. É nesta nova modalidade que reaparece com toda força a importância do turismo como fator pedagógico.

Os "site museums" utilizam-se tanto de equipamentos turísticos (hotéis, transporte) como de serviços de apoio. Criados com finalidade cultural, transformaram-se num recurso turístico contemporâneo e em muitos casos, comercial. Há autores, inclusive, que já estão analisando de forma crítica esta indústria da herança⁵ são os recriados, como o caso de Skansen, na Suécia, e os originais, com Ironbridge Gorge na Inglaterra, que atraem milhões de turistas o ano.

3 TURISMO COMO ALTERNATIVA DE ENSINO DE HISTÓRIA:

Projeto "Vivendo a História de Campinas"

A proposta básica para o desenvolvimento do projeto "Vivendo a História de Campinas" foi a utilização do Turismo como um instrumento

4 O Centro Georges Pompidou em Paris, por exemplo, tem esculturas comestíveis.

5 HEWISON (1987), no seu livro *A indústria da herança*, diz que hoje na Inglaterra está-se "manufaturando" herança. A iniciativa privada cria aproximadamente um museu por semana, transformando o país inteiro num grande museu e levando os turistas a consumir o produto. A infra-estrutura necessária para atender os turistas leva à conservação dos sítios históricos, que é diferente da preservação, que seria o correto do ponto de vista histórico. *Conservar* significa descontextualizar para dar um uso diferente, enquanto *preservar* significa manter o contexto histórico. (Ver também HUDSON, 1987 e CRESPO

pedagógico para o ensino da História, ampliando a visão de um "city tour" para entretenimento.

3.1 Origem e Proposta

O material utilizado começou na verdade a ser pesquisado em 1982, quando se realizou um levantamento da arte da cidade. Este trabalho foi ampliado nos anos subsequentes e, em 1985, apresentou-se um projeto de Turismo Receptivo Cultural em Campinas, considerando que qualquer proposta de turismo na cidade deveria passar, necessariamente, pela oferta cultural,⁶ já que Campinas não tem recursos naturais de grande expressão. Um interesse pessoal na História⁷ levou a uma ampliação desse aspecto da cultura da cidade.

Comparando fotos ou lendo a história, percebeu-se o pouco que restou desta. Ruas transformadas em avenidas levaram consigo pedaços de prédios inteiros; o outrora luxuoso teatro dera lugar a um estacionamento e depois um calçadão. Inverteu-se, então, a metodologia: em lugar de partir da cronologia oficial, que levava a grandes vazios no espaço geográfico, passou-se a procurar o passado daquilo que havia restado em forma de monumentos, prédios ou praças.

A pergunta não foi onde está determinado marco, mas porque esta rua existente leva este nome? Este clube que está aqui, quando começou? Este chafariz, como veio parar aqui? - Partindo de meia dúzia de sobrados, de algumas dezenas de monumentos, foram-se descobrindo mais coisas dia após dia, procurando nos arquivos do Centro de Memória da Unicamp, na Prefeitura, conversando com pessoas idosas, com historiadores, velhos fotógrafos, todos aqueles que podiam sanar de alguma forma a falta de material sobre a cidade. Conseguiu-se assim informação que não consta nos livros oficiais, como dados do cotidiano, a "petit histoire"⁸.

Paralelamente, estudos no campo da educação levaram a perceber a importância de se aplicar novos métodos de ensino, dando aos estudantes a possibilidade de vivência, de contato com o objeto. Propôs-se contar de forma amena, durante um passeio, o que tinha sido "descoberto" em anos de pesquisa. Surgiu, assim, o projeto *Vivendo a História de Campinas*.

6 O projeto chamou-se *Campinas como Pólo Cultural* e ganhou o primeiro prêmio Convention and Visitor Bureau, em maio de 1992.

7 Disciplina crucial ao futuro de homem, porque é a única capaz de explicar o presente e dar exemplos para o futuro.

8 Linha que privilegia os dados do cotidiano do povo em lugar dos feitos dos grandes vultos.

9 Na ocasião, o projeto teve o apoio da PUCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, contando com a infra-estrutura do Museu da Universidade e sendo parte de um programa mais amplo de apoio ao ensino formal.

3.2 Objetivos e Aplicação

O projeto *Vivendo a História de Campinas* teve por objetivo dar aos estudantes a possibilidade de aprender História de uma forma lúdica, mediante objetos concretos, na linha da educação ativa e da pedagogia dos museus. Propôs uma vivência, um passeio no qual se visitavam monumentos, prédios e locais onde aconteceram fatos significativos, ao mesmo tempo em que se tentava reviver, através de relatos, o cotidiano da sociedade da época correspondente.

Essa idéia foi aceita por professores de escolas públicas e algumas particulares que adotavam métodos não-tradicionais, e aplicado experimentalmente junto a estudantes do primeiro e segundo graus.

Chegou-se, portanto, ao ensino de História percorrendo os lugares em que a mesma aconteceu, numa viagem imaginária a um passado de quase 300 anos, onde fechava-se os olhos fazendo "de conta" que o trânsito era substituído pela mata. Andava-se pelas primeiras ruas da cidade, parava-se nos monumentos daqueles que a fizeram, entrava-se nos poucos prédios miraculosamente salvos do "progresso", contando as histórias da História, colocando no toca-fitas as músicas da época, discutindo com os estudantes as mudanças culturais e a industrialização recentes.

Como resultado obteve-se uma grande demanda por parte das terceiras séries do primeiro grau, que tinham Município no seu programa, e por parte de professores de História e Geografia do segundo grau. O passeio didático também foi solicitado por entidades particulares, como, por exemplo, Núcleos de Idosos, cujas pessoas puderam acrescentar inclusive informações da própria experiência. Estudantes dos cursos noturnos tidos como "turmas difíceis" demonstraram um interesse sem precedentes, conforme depoimento dos professores. A tônica dos passeios era que os estudantes não queriam que acabasse, demonstrando o sucesso da proposta.

Outro resultado importante foi a mudança acontecida no conceito de monumento entre o início e o fim do "tour". Os monumentos, através do conto, eram transformados em pessoas concretas e passaram a ter uma dimensão diferente, merecendo outro tratamento, mais familiar e portanto de respeito¹⁰. A apreciação da música também apresentou mudanças. Ao primeiro choque com a música erudita do século XIX que provocava risos e chacota, seguia-se uma curiosidade e finalmente um real interesse, ao ponto de estudantes de periferia solicitarem ouvir uma ópera inteira.

10 O que não se conhece, se desrespeita mais facilmente.

Isto dá a medida do envolvimento efetivo conseguido com um "passado total" cultural e não apenas com *fragmentos materiais*.

4 CONCLUSÃO

Desde o início houve ciência de que a proposta não correspondia ao modelo de democratização do ensino, que propõe uma discussão entre alunos e professores em plano de igualdade, e tampouco de popularização do turismo, que pressupõe tornar o mesmo acessível às camadas desfavoráveis economicamente. Dependendo do modelo adotado pela instituição educacional, pode transformar-se numa proposta autoritária, na qual o professor fala e os alunos escutam. Por outro lado, se não há condições de patrocínio, o projeto só pode ser aplicado por instituições pagas, ou seja, escolas particulares, transformando-se assim em turismo de classes privilegiadas ou da burguesia (ARRILLAGA, 1976:120-1).

Apesar dessas limitações, entende-se que a proposta é válida, porque, mesmo que o estudante permaneça mudo, ele poderá fazer a sua leitura do objeto histórico e esse contato direto com a cidade estará contribuindo grandemente para a formação da sua consciência social. A limitação econômica não é exclusiva desse projeto, faz parte de um contexto social mais amplo e, pelo menos, se alguns membros das classes mais abastadas adquirem determinada consciência social, pode-se ter uma esperança nos cidadãos do porvir.

Acredita-se que esse projeto tem grande potencial em cidades históricas, mas não é exclusivo delas; mesmo naquelas que têm descuidado seu patrimônio sempre haverá uma rua pela qual passaram os primeiros habitantes, sempre um monumento, uma praça ou mesmo um espaço vazio onde possa ser recriado o cotidiano do povo protagonista.

A inovação do trabalho está na inserção do conceito de cidadania. De acordo com SAVIANI (1986) cidadão quer dizer habitante da cidade, mas um habitar que implica participar ativamente, significa ser sujeito de direitos e deveres, ter uma consciência cívica que não é possível sem dominar o saber sistematizado da sociedade. Conforme observa LOVISOLO (1989:17) "a formação do cidadão é trabalhada pela pedagogia moderna através da formação da consciência histórica e cívica", ou seja, a formação do cidadão passa pelo aprendizado da história.

A memória histórica é a âncora que possibilita que, diante do turbilhão da mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar". (LOVISOLO, 1989: 17)

Para ser um cidadão e participar da vida de uma cidade é preciso primeiro conhecê-la e valorizá-la; resgatando o elemento subjetivo, amá-la. Isso pode ser conseguido através de uma abordagem efetiva que substitua a racional, conforme propunha o museólogo Marcel Evrard na década de 1970.

HALBWACHS (1968) estabelece uma diferença entre memória coletiva e memória histórica, alegando que a segunda se coloca acima dos grupos e a primeira pressupõe uma inserção. Tem-se a convicção de que, levando os estudantes, fundamentalmente as crianças, a conhecerem a História da sua Cidade de uma forma participativa, propiciando a experiência mediante um "tour", pode-se conseguir essa inserção na comunidade que transforma a memória histórica em *consciência social*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERENZA, M. A. 1984. *Administración del turismo* - Conceptuación y organización. México: Trillas, v.1.
- ARRILLAGA, J. I. de. 1976. *Introdução ao estudo do turismo*. Rio de Janeiro: Rio.
- BAKUNIN, M. 1979. *La instrucción integral*. España: Siglo XXI.
- BURKART, A. & MEDLIK, S. 1984. *Tourism: past, present and future*. London: Heinemann.
- CRESPO TORAL, H. 1985. Museos, arqueología, arquitectura y estética. In: OEA. *Alternativas de educación para grupos culturalmente diferenciados*. Cuenca: OEA.
- FERNANDEZ FUSTER, L. 1974. *Teoría y técnica del turismo*. Madrid: Nacional.
- HALBWACHS, M. 1968. *La mémoire collective*. Paris: Presse Universitaire Française.
- HEWISON, R. 1987. *The heritage industry*. London: Methuen Paperbacks.
- HUDSON, K. 1987. *Museums of influence*. Cambridge: Univ. Press.
- LAVAU, L. 1944. *El turismo en su historia*. Barcelona: Ed. Turísticas.
- LOVISOLO, H. 1989. A memória e a formação dos homens. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.16-28.
- MANACORDA, M.A. 1989. *História da educação*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados.
- MARCELINO, N. C. 1987. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.
- SAVIANI, D. 1986. Educação, cidadania e transição democrática. In: COVRE, M. L. *A cidadania que não temos*. São Paulo: Brasiliense.
- SCHNERB, R. 1969. O século XIX, o apogeu da civilização européia. In: CROUZET, M. *História geral das civilizações*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- VEBLEN, T. 1965. *Teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira.